

#180

Clérigos vencem Prémio Vilalva
Bosch Beach de Vasco Mendonça
Parcerias com Trienal de
Arquitetura e Doclisboa
Cuidados na Demência



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

60
ANOS



PADRE AMÉRIGO AGUIAR E ARTUR SANTOS SILVA NA ENTREGA DO PRÉMIO VILALVA © LUÍS FERREIRA ALVES

4

Clérigos vencem Prémio Vilalva

Ao celebrarem 250 anos de existência, a Igreja e Torre dos Clérigos foram restauradas, num projeto com várias fases de intervenção e elaborado por uma equipa multidisciplinar. O resultado está à vista, no Porto, e mereceu a distinção do júri do Prémio Vasco Vilalva, entregue em setembro à Irmandade dos Clérigos que detém a propriedade do espaço. O júri atribuiu ainda uma menção honrosa ao projeto das novas instalações da Sede da Secção Regional Norte da Ordem dos Arquitetos.

8

Cuidados a prestar na demência

Em Portugal, estima-se que haja mais de 180 mil casos de pessoas com demência. Um número que tende a aumentar e que reflete, como refere Catarina Alvarez em entrevista, a necessidade de encarar o tema como uma prioridade do ponto de vista das políticas públicas. No **dia 19**, decorrerá um encontro para profissionais na Fundação Gulbenkian, onde além destas questões será abordada a perspetiva dos cuidadores.

18

Homenagem a Azeredo Perdigão

A figura e o papel do primeiro presidente da Fundação Calouste Gulbenkian foram o motivo para a reunião de centenas de pessoas na Fundação Gulbenkian, a 19 de setembro, dia em que se comemoravam 120 anos do seu nascimento. Vários episódios sobre o homem que teve “duas vidas” – primeiro, como brilhante jurista e causídico; depois, como presidente da Fundação que construiu e consolidou durante 37 anos – foram narrados na conferência em sua homenagem.

22

A estreia de *Bosch Beach*

O que têm a ver Hieronymus Bosch, o problema dos migrantes e refugiados na Europa e a música? Aparentemente nada, mas o compositor Vasco Mendonça tratou de encontrar um elo comum na sua nova ópera, *Bosch Beach*. Esta coprodução internacional, que inclui a Fundação Gulbenkian, pode ser vista agora em território nacional, nos **dias 20 e 21** no Teatro Maria Matos, em Lisboa.



BOSCH BEACH © D.R.

Índice



TERCEIRO ANDAR © LUCIANA FINA

27

Parcerias com Trienal de Arquitetura e Doclisboa

Exposições, conferências e filmes fazem parte da programação selecionada pela Trienal de Arquitetura e pelo Doclisboa para ser apresentada em vários espaços da Fundação Gulbenkian. Pela primeira vez, a Fundação Gulbenkian exibirá filmes do Doclisboa e terá, a partir de **dia 20**, uma instalação da autoria de Luciana Fina. Terceiro Andar (na foto) incide sobre a experiência da imigração de uma família muçulmana vinda da Guiné-Bissau.

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#179 — OUTUBRO 2016 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA — THE DESIGNERS REPUBLIC — IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO — DDLX / REVISÃO DE TEXTO — RITA VEIGA / IMAGEM DA CAPA — IGREJA E TORRE DOS CLÉRIGOS © ANTÓNIO ALVES / IMPRESSÃO — GRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM — 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / GULBENKIAN.PT

Notícias

- 4 Clérigos vencem Prémio Vilalva
- 7 Vencedores Apps for Good
- 8 Cuidados a prestar na demência
- 10 Dá Voz à Letra em França
- 11 Ciência em Cena 2016
- 12 A Europa e os refugiados
- 14 Formação em Português na Guiné-Bissau
- 15 Fundos europeus para investigação
- 16 Identificados biomarcadores precoces no cancro do esófago
- 17 Programa de doutoramento para PALOP e Timor-Leste
- 17 Rosalina Fonseca recebe bolsa para jovens investigadores

Aconteceu

- 18 Homenagem a Azeredo Perdigão
- 20 Rapsódia na Rua
- 21 Uma só voz

Música

- 22 A estreia de *Bosch Beach*
- 25 Concertos do mês
- 26 Orquestra Gulbenkian em digressão no Mediterrâneo

Arte

- 27 Trienal de Arquitetura
- 28 A Forma Chã
- 29 Parceria com Doclisboa
- 30 António Ole
- 31 José Escada
- 32 Linhas do Tempo
- 32 Portugal em Flagrante

Atividades educativas

- 33 Dia D

Leituras

- 36 Novo número da *Colóquio/Letras*
- 36 Eduardo Lourenço

Ambientes

- 34 Por Márcia Lessa

Clérigos vencem Prémio Vilalva

O projeto de restauro e recuperação da Igreja e Torre dos Clérigos venceu a 9.ª edição do Prémio Vasco Vilalva. O júri atribuiu ainda uma menção honrosa ao projeto das novas instalações da sede da Secção Regional Norte da Ordem dos Arquitetos.

O conjunto patrimonial dos Clérigos e a qualidade geral da intervenção de conservação e restauro realizada por ocasião da comemoração dos 250 anos da construção da torre – o seu principal ícone visual – foi a escolha do júri para a 9.ª edição do Prémio Vasco Vilalva. No valor de 50 mil euros, o prémio atribuído anualmente pela Fundação Gulbenkian foi entregue no dia 20 de setembro, no Porto, à Irmandade dos Clérigos, que detém a propriedade da Igreja e Torre dos Clérigos, classificada Monumento Nacional em 1910.

O projeto de recuperação e restauro foi elaborado por uma equipa multidisciplinar, representando um investimento de três milhões de euros, cofinanciado pelo Programa Operacional Regional ON2 e pelo Programa Jessica. A 1.ª fase de intervenção foi inaugurada em dezembro de 2014 e em junho de 2015, com a execução do percurso expositivo e do projeto museológico, deu-se por concluída a obra.

O júri do Prémio Vilalva, constituído por Dalila Rodrigues, António Lamas, José Pedro Martins Barata, José Sarmiento de Matos e Rui Esgaio, foi unânime na decisão, sublinhando “o respeito pela integridade física dos sistemas construtivos existentes, preservados e restaurados com recurso a técnicas tradicionais, as adequadas metodologias de conservação e restauro do património artístico integrado”, que permitiram recuperar e revalorizar retábulos, órgãos, sanefas, púlpitos, varandins, escaioias ou pinturas de fingimento, entre outros elementos iconográficos e decorativos. O júri destaca ainda que o valioso património móvel, onde pontuam, entre numerosas peças de âmbito litúrgico, esculturas e pinturas sobre tela e madeira, “foi objeto de tratamento e recolocação adequados, devolvendo-se ao conjunto a dignidade e os valores perdidos”.



INTERIOR DA IGREJA DOS CLÉRIGOS © LUÍS FERREIRA ALVES



VISTA DA TORRE A PARTIR DO PASSEIO DOS CLÉRIGOS © D.R.

Na atribuição do prémio pesou a intervenção de conservação e restauro e a introdução de infraestruturas necessárias, designadamente nas áreas de acessibilidade e segurança, que transformaram as condições de visita à Igreja e Torre dos Clérigos. “Além da possibilidade de uma fruição plena pelos diversos públicos, as obras realizadas dão a este conjunto patrimonial o lugar devido no processo de enriquecimento e desenvolvimento cultural e turístico da cidade do Porto”, realça o júri.

Doação para cuidados paliativos pediátricos

A Irmandade dos Clérigos, representada pelo seu presidente, padre Américo Aguiar, dedicou este prémio “aos trabalhadores que edificaram a Igreja e Torre dos Clérigos, das mais diversas áreas e competências, capazes de transformar os desenhos do artista [o arquiteto Nicolau Nasoni] em edifícios extraordinários, que ainda hoje são motivo de júbilo por parte de todos os que os visitam”. Também foram evocados na aceitação deste prémio os trabalhadores que, entre dezembro de 2013 e dezembro 2014, “devolveram os Clérigos ao Porto, a Portugal e ao mundo”. “Continuamos a ser abençoados por excelentes trabalhadores, empenhados e competentes”, sublinha o presidente da Irmandade dos Clérigos.

O valor do Prémio Vilalva (50 mil euros) será endossado à Associação Nomeiodonada, revelou entretanto a Irmandade dos Clérigos. A Associação abriu recentemente, em São Mamede de Infesta, a primeira Unidade de Cuidados Continuados e Paliativos Pediátricos da Península Ibérica – o “Kastelo”. “A alegria daquelas crianças e das suas famílias será o maior retorno que a Irmandade dos Clérigos poderia desejar”, reconheceu o padre Américo Aguiar.



SECÇÃO REGIONAL NORTE DA ORDEM DOS ARQUITETOS © NPS ARQUITETOS ASSOCIADOS

Menção honrosa

O júri do Prémio Vilalva decidiu ainda atribuir uma menção honrosa ao projeto das novas instalações da sede da Secção Regional Norte da Ordem dos Arquitetos, da autoria do ateliê NPS [Neto, Pereira, Silva] Arquitetos Associados. As novas instalações, que se localizam na Cedofeita, Porto, foram inauguradas publicamente em abril, 12 anos depois da proposta do ateliê NPS Arquitetos Associados ter saído vencedora em concurso público.

O júri sublinhou a “recuperação, com sensibilidade, dos elementos construtivos e decorativos característicos de duas moradias dos finais do século XIX, quase gémeas, em que o logradouro comum foi utilizado para as reunir através de um corpo novo onde são satisfeitas, de forma discreta, algumas necessidades programáticas da instituição”. O júri teve também presente que esta exemplar intervenção em património é referencial, por ser promovida, na sua sede, por uma instituição com grande responsabilidade na formação dos seus jovens membros.

Prémios anteriores

2007 — ASSOCIAÇÃO CULTURAL DA CASA SABUGOSA E SÃO LOURENÇO:
BIBLIOTECA DA CASA SABUGOSA
E SÃO LOURENÇO, EM OEIRAS;

2008 — DEPARTAMENTO DO PATRIMÓNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DA DIOCESE DE BEJA: MONUMENTOS VIVOS E FESTIVAL TERRAS SEM SOMBRA DE MÚSICA SACRA DO BAIXO ALENTEJO;

2009 — FUNDAÇÃO CIDADE DA AMMAIA:
RECUPERAÇÃO DAS RUÍNAS ROMANAS DA CIDADE DE AMMAIA (MARVÃO);

2010 — IRMANDADE DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DA IGREJA DA MESMA INVOCÇÃO SOBERANA DA CIDADE DE LISBOA: RESTAURO DA IGREJA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, LISBOA;

2011 — MINIMALINEA ARQUITECTURA UNIPessoal LDA: REFORMULAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE UM EDIFÍCIO POMBALINO EM UNIDADE HABITACIONAL DE CURTA DURAÇÃO (BAIXA-HOUSE), LISBOA;

2012 — CONFRARIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DA IGREJA MATRIZ DA SENHORA DA ESTRELA: RECUPERAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO DO MÓVEL DO ARCANO MÍSTICO, RIBEIRA GRANDE (AÇORES);

2013 — MUSEU DO CARAMULO:
REQUALIFICAÇÃO DAS SALAS DE EXPOSIÇÃO DA COLEÇÃO DE ARTE DO MUSEU DO CARAMULO;

2014 — MUSEU DIOCESANO DE SANTARÉM; MENÇÃO HONROSA PARA A RECUPERAÇÃO DO CINEMA IDEAL.

Vencedores Apps for Good 2015/2016



Uma aplicação para dispositivos móveis que ajuda os alunos do 9.º ano a estudar Físico-Química foi a vencedora da 2.ª edição do Apps for Good, uma iniciativa com origem no Reino Unido que desafia alunos dos ensinos básico e secundário a conceber aplicações para telemóveis, ou outros suportes tecnológicos móveis, com intuítos sociais. A *app* (aplicação) vencedora, FQ9, foi desenvolvida por uma equipa de alunos da Escola Secundária de Sacavém, do Agrupamento Eduardo Gageiro. Oferece tutoriais explicativos dos conteúdos do programa de Físico-Química e a resolução de qualquer parâmetro das fórmulas, estimulando o interesse e a motivação dos alunos para aprender esta disciplina, de forma apelativa e dinâmica.

Em 2.º lugar neste concurso ficou a *app* Agro Conta, desenvolvida por alunos do Agrupamento de Escolas (AE) D. Sancho II, Alijó. Esta aplicação permite aos pequenos agricultores fazer a contabilidade das suas produções, registando os gastos e os proveitos, verificando a viabilidade económica das mesmas. Em 3.º lugar foi premiada a aplicação Help People, do AE de Vila Viçosa, a pensar nas pessoas que vivem em locais isolados, reunindo contactos de emergência mas também contactos úteis para necessidades simples do dia a dia. O Prémio “Escolha do Público” recaiu na Cook Wizard, com mais de 500 votos, desenvolvida por alunos do AE de Nelas. Esta *app* integra uma despesa virtual e um leitor de código de barras, entre outras tecnologias, que permite sugerir receitas para refeições à medida do perfil do utilizador.

Duas alunas do AE de Sátão, responsáveis pela proposta The Dropper que dá sugestões para evitar o desperdício de água, e uma aluna da equipa que desenvolveu a *app* Help People foram ainda distinguidas com o Prémio “Jovens Empreendedoras no Digital”.

No trabalho do Apps for Good, que se desenvolve ao longo de um ano letivo, os professores assumem o papel de coordenadores e inspiradores, e os alunos têm acesso a conteúdos digitais e contactam com especialistas de todo o mundo, contribuindo para uma alteração dos modelos educativos atuais. Na edição 2015/2016 do Apps for Good, uma iniciativa que mobiliza vários parceiros, entre os quais a Fundação Calouste Gulbenkian e empresas de relevância ligadas à tecnologia, participaram 1200 alunos e 140 professores de 67 escolas portuguesas, com uma centena de aplicações.

Cuidados a prestar na demência

Catarina Alvarez é jurista, psicóloga e coordenadora da Rede Cuidar Melhor, que, entre outras iniciativas, promove o Café Memória, um local de encontro destinado a pessoas com problemas de memória ou demência, bem como aos respetivos familiares e cuidadores, para partilha de experiências e apoio mútuo. É também a coordenadora do 3.º Encontro de Profissionais “Cuidados a Prestar na Demência – Uma abordagem prática e integrada”, que se realiza no dia 19 de outubro, na Fundação Gulbenkian. Nesta entrevista, fala dos desafios que enfrentam os profissionais que cuidam de pessoas com demência, mas também da vulnerabilidade dos cuidadores familiares.

O tema das demências está cada vez mais na ordem do dia. Tem observado mudanças na perceção pública do problema?

Em Portugal, a perceção pública tem vindo a aumentar progressivamente, nomeadamente através do papel dos *media*, mas o processo de consciencialização parece-me demasiado lento face à dimensão do problema. É certo que se vai falando mais em demências e, em particular, na Doença de Alzheimer, mas o tema ainda não é tratado como uma prioridade do ponto de vista das políticas públicas. Ainda não se encontra implementada uma estratégia nacional para fazer face a esta problemática, que ninguém contesta ser cada vez mais relevante, tanto do ponto de vista social, como do de saúde pública. Por outro lado, o estigma associado às demências permanece, o que contribui para que muitas pessoas que vivenciam o problema e se encontram numa situação de particular vulnerabilidade não tenham condições para tornar públicas as suas angústias e necessidades. Por fim, subsiste a falsa crença de que não havendo cura, não há nada a fazer por estas pessoas, o que frequentemente impede uma intervenção mais precoce e eficaz.

Que desafios se colocam hoje aos profissionais que prestam cuidados às pessoas com demência?

Em 2016, nota-se um interesse crescente dos diversos profissionais (médicos, enfermeiros,

psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, etc.) que prestam serviços a pessoas com diagnóstico ou suspeita de diagnóstico de demência em obter mais formação sobre o tema. Sentem a necessidade de se tornar mais qualificados perante um número cada vez maior de clientes/utentes com demência. Mas os desafios em contexto institucional e nos cuidados de saúde primários e hospitalares continuam a ser muito relevantes. As boas práticas neste domínio não estão suficientemente disseminadas e a intervenção não abrange, frequentemente, o cuidador familiar. Nos lares e centros de

“Subsiste a falsa crença de que, não havendo cura, não há nada a fazer por estas pessoas.”



© MÁRCIA LESSA



dia, os profissionais continuam a ser insuficientes e a trabalhar, na maioria dos casos, sem o apoio efetivo de uma equipa multidisciplinar. Por outro lado, os cuidadores não são valorizados, quer do ponto de vista remuneratório, quer social, o que torna cada vez mais difícil o seu recrutamento e motivação.

O que se pode esperar deste Encontro de Profissionais?

Contamos com a participação do diretor-executivo da Alzheimer Europe e de um representante da Alzheimer's Society (do Reino Unido) que nos ajudarão a comparar a situação atual da prestação de cuidados nas demências no panorama europeu com a do nosso país. O programa conta ainda com especialistas portugueses que vão discutir o tema de acordo com uma abordagem prática e integrada. Este ano, o encontro contempla também a realização de três *workshops* que vão permitir aos profissionais dialogar, partilhar experiências e dúvidas, em grupos mais pequenos. Por todas estas razões, a nossa expectativa é que se verifique uma grande adesão a este evento e que o mesmo consista numa excelente oportunidade de aprendizagem e reflexão.

Que boas práticas destacaria nesta área?

Em termos gerais, é a própria Organização Mundial de Saúde a advogar que os cuidados a prestar às pessoas com demência devem consistir num sistema integrado que envolva todos: cuidadores principais, familiares e amigos, vizinhos e comunidade, as

ONG, o poder local e central, assim com as organizações de âmbito internacional. Por outro lado, as boas práticas deverão assentar num princípio geral de atuação, que é o da abordagem centrada na pessoa e numa intervenção estruturada, intensiva e multifacetada junto da pessoa com demência, desde o diagnóstico até aos cuidados de fim de vida, e que também envolva o cuidador.

Como está a evoluir o projeto Café Memória?

Há dez Cafés Memória já a funcionar no país [Lisboa, Oeiras, Cascais, Porto, Braga, Guimarães, Viana do Castelo, Viseu] e está prevista a abertura de mais unidades, ainda em 2016. Assim, chegaremos a mais pessoas, visando contribuir para a melhoria da sua qualidade de vida mas também sensibilizar a comunidade para esta problemática. Desde o início desta iniciativa, promovida pela associação Alzheimer Portugal e pela empresa Sonae Sierra e apoiada por um conjunto alargado de parceiros de referência, entre os quais a Fundação Calouste Gulbenkian, a Fundação Montepio e o Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa, já se realizaram 250 sessões, com mais de 4000 participações e formaram-se perto de 300 voluntários que já dedicaram cerca de 7000 horas ao projeto.

Programa do 3.º Encontro de Profissionais "Cuidados a Prestar na Demência" em gulbenkian.pt
Mais informações: cuidarmelhor.org/ / cafememoria.pt

Dá Voz à Letra em França

PEDRO FREITAS E RITA SOUSA, PARTICIPANTES DA PRIMEIRA EDIÇÃO © MÁRCIA LESSA



O concurso Dá Voz à Letra vai viajar até França. A 3.^a edição do concurso que se destina a encontrar o melhor leitor de textos portugueses, em voz alta, quer encontrar jovens leitores nas escolas da Île-de-France (Créteil, Paris e Versalhes). Os alunos dos 15 aos 18 anos que pretendam candidatar-se devem enviar um vídeo (duração máxima de três minutos) onde apareçam a ler um texto à sua escolha, em língua portuguesa. Para a final do concurso serão selecionados 10 jovens que terão a oportunidade de participar num espetáculo de leitura ao vivo, com público a assistir e que se realizará em janeiro, em Paris. O melhor leitor ganhará uma viagem a Portugal para duas pessoas. Os segundo e terceiro classificados receberão um iPad com livros eletrónicos.

O Dá Voz à Letra é uma iniciativa do Programa Gulbenkian de Língua e Cultura Portuguesas e foi criado em 2015 para incentivar a leitura nos jovens. As duas edições anteriores realizaram-se em Lisboa e no Porto.

gulbenkian.pt/davozalettra/

Ciência em Cena 2016

As doenças cardiovasculares



O concurso Ciência em Cena entra na 3.^a edição à procura de ideias criativas para abordar as doenças cardiovasculares. Organizado pela Associação Maratona da Saúde e pelo Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência, o concurso quer despertar o interesse de jovens estudantes pelo conhecimento científico, consciencializá-los das várias doenças e sensibilizá-los para a solidariedade. Nas duas edições anteriores, o Ciência em Cena abordou os temas da diabetes e das doenças neurodegenerativas.

Aberto a todos os alunos do 9.^o ao 12.^o ano e do ensino profissional, que frequentem as escolas portuguesas, públicas ou privadas, este concurso pede aos jovens que gravem um vídeo em que apresentam as suas ideias criativas em apenas três minutos. O objetivo é transmitir uma ideia sobre as doenças cardiovasculares, por meio da forma que mais considerarem adequada – demonstração científica, performance artística, etc. As candidaturas podem ser enviadas até 9 de janeiro do próximo ano e as informações sobre o concurso podem ser consultadas em cienciaemcena.pt.

Os vencedores dos três primeiros lugares têm direito a um cheque-oferta no valor de 500 euros, sendo o primeiro convidado a participar no espetáculo solidário da Maratona da Saúde, transmitida em direto pela RTP. A sessão final realizar-se-á a 18 de março na Fundação Calouste Gulbenkian.

A Europa e os refugiados

Oito fundações e think tanks europeus juntam-se pelo segundo ano consecutivo no consórcio Vision Europe – uma colaboração para enfrentar alguns dos maiores desafios de política pública da Europa, este ano focada na crise dos refugiados. Um tema que estará em destaque na conferência anual a realizar em novembro, na Fundação Gulbenkian.

A crise dos refugiados representa um sério desafio, tanto para o bem-estar dos refugiados como para as sociedades europeias. Em 2015, mais de 1,5 milhões de migrantes entraram na União Europeia. Da Itália à Polónia e da Grécia à Alemanha, todos enfrentam desafios imensos para responderem aos pedidos de ajuda humanitária, asilo e integração, no que diz respeito à habitação, língua, trabalho e assistência social. A incapacidade de os gerir adequadamente implicará ameaças para a coesão social e a estabilidade política.

O **Vision Europe**, um projeto comum de oito fundações e *think tanks* europeus – Bertelsmann Stiftung, da Alemanha; Bruegel, da Bélgica; Fundação Calouste Gulbenkian, de Portugal; CASE – Centre for Social and Economic Research, da Polónia; Chatham House, do Reino Unido; Compagnia di San Paolo, de Itália; Jacques Delors Institute, de França; e The Finnish Innovation Fund Sitra, da Finlândia –, dedica-se, este ano, à crise dos refugiados.

As diferentes instituições estão a colaborar entre si, desde o ano passado, para investigar, debater e consequentemente informar e influenciar os decisores políticos e a opinião pública sobre alguns dos mais prementes desafios de política pública que a Europa enfrenta. Por meio de investigação, de publicações e da realização de uma conferência anual, o objetivo deste consórcio é constituir um fórum de debate e uma fonte de recomendações que, provindo da sociedade civil, permitam, de uma forma fundamentada, isenta e transparente, melhorar a tomada de decisões políticas, tanto ao nível da União Europeia como ao nível nacional.

A conferência anual – **Vision Europe Summit** –, que nesta edição terá a Fundação Calouste Gulbenkian como anfitriã, é o culminar da cooperação entre as oito entidades ao longo de cada ano, ao juntar mais de uma centena de decisores políticos e delegados especialistas dos Estados-membros, instituições europeias e organizações internacionais. O evento procura abordar as políticas públicas de uma forma internacional e interdisciplinar, com o objetivo de desenvolver propostas pragmáticas e soluções políticas aplicáveis, querendo assim contribuir para um debate europeu baseado na investigação e em políticas inovadoras. [A conferência realiza-se nos dias 21 e 22 de novembro, mas apenas para participantes convidados.]



Na opinião das instituições que formam o Vision Europe, os líderes europeus devem implementar em toda a Europa soluções comuns para a crise dos refugiados, uma vez que apenas soluções conjuntas poderão reduzir de forma credível e eficaz o sofrimento humano cada vez maior e a turbulência social e política.

Sob o tema *A resposta à crise de migrantes e de refugiados na Europa*, o Vision Europe 2016 debruça-se sobre três linhas de reflexão para o futuro: 1) "Do conflito ao equilíbrio": construção de uma base comum para um consenso social e político sobre a receção, o acolhimento e a integração de migrantes e de refugiados nos Estados-membros da União Europeia; 2) "Da reação à pró-atividade": desenvolvimento de mecanismos para uma ação rápida e eficiente que permita uma resposta eficaz a fluxos grandes e imprevistos de migrantes e de refugiados; 3) "Da fragmentação à integração": receção de migrantes e de refugiados com o objetivo final de realizar a plena integração de todos aqueles que a procuram. Diferentes grupos de trabalho, liderados por especialistas em migrações, estão a estudar estes três eixos, de forma a apresentar, nesta conferência, recomendações e propostas de novas políticas para enfrentar a atual crise de refugiados.

Mais informações sobre o Vision Europe em: vision-europe-summit.eu

Formação em Português na Guiné-Bissau



De 25 de agosto a 23 de setembro, realizou-se a primeira iniciativa Kripor (aglutinação de “português” com a palavra “kriol” – língua falada por 44 por cento da população na Guiné-Bissau), que pretende reforçar as competências no domínio do português de estudantes guineenses candidatos a bolsas de estudo em Portugal.

Cerca de 20 alunos frequentaram um curso intensivo de Língua Portuguesa, como forma de se prepararem para o ensino universitário português. A formação incidiu no domínio de conhecimentos e ferramentas apropriadas às exigências do ensino superior, como a elaboração de relatórios, apresentações, sínteses e projetos de investigação.

O Kripor tem o apoio do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua e é o primeiro projeto da futura associação Mais Valia, que será criada no próximo ano. Inspirada no projeto-piloto com o mesmo nome, desenvolvido desde final de 2012 pela Fundação Calouste Gulbenkian, o Mais Valia reuniu uma bolsa de voluntariado de competências, formada por profissionais com mais de 55 anos, para missões de curta duração nos PALOP.

Fundos europeus para investigação

Cerca de cinco milhões de euros vão ser investidos pelo programa Portugal 2020 em dois projetos de investigação que reúnem investigadores de vários grupos do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), bem como de outros centros de investigação do país. O financiamento destina-se à prevenção e controlo de doenças infecciosas e resistência a anti-bióticos, mas também ao estudo das células estaminais do cancro.

Durante os próximos três anos, mais de 80 investigadores, do Instituto de Tecnologia Química e Biológica (ITQB Nova), do Instituto de Medicina Molecular (iMM) e do IGC, vão trabalhar no projeto ONEIDA para dar uma rápida resposta a questões relativas aos patogénios que infetam os doentes que chegam aos hospitais, fazendo uma caracterização biológica minuciosa de cada estirpe em termos genéticos e proteicos. Espera-se assim diminuir a morbilidade e evitar o uso inadequado de antibióticos.

O projeto começará por responder às necessidades específicas dos hospitais de Lisboa, sendo alargado ao resto do país numa segunda fase. Com coordenação de Raquel Sá-Leão e Mónica Serrano, do ITQB Nova, esta rede de investigadores pretende ainda fazer um estudo mais rigoroso e detalhado sobre os patogénios que infetam pessoas e animais em Portugal. Do IGC, participam investigadores dos grupos de Biologia evolutiva, Fisiologia de linfócitos, Sinalização em bactérias, Interações hospedeiro-micro-organismo, Genética ecoevolutiva, Genética de doenças, e das unidades de Bioinformática, Genómica e Expressão genética e do GTPB (programa de formação em Bioinformática).

O outro consórcio vencedor foi estrategicamente desenhado para formar uma equipa de investigadores nacionais com as competências complementares necessárias para identificar os princípios moleculares que regulam a biologia das células estaminais do cancro. Estas células foram identificadas como sendo responsáveis pelo crescimento tumoral, recidivas, metastização e resistência a terapias convencionais usadas em oncologia, mas os seus mecanismos biológicos ainda não são suficientemente conhecidos para que se possam desenvolver estratégias terapêuticas. O projeto Cancel Stem visa produzir conhecimento nesta área, de modo a permitir a utilização de biomarcadores e alvos terapêuticos das células estaminais do cancro para um melhor acompanhamento e tratamento dos doentes. Este projeto é coordenado por Joana Paredes do Instituto de Investigação e Inovação em Saúde da Universidade do Porto (I3S) e reúne investigadores do I3S, do IGC e do CNC.IBILI da Universidade de Coimbra, peritos em oncobiologia, biologia celular, biologia de células estaminais e no desenvolvimento de estratégias terapêuticas. Do IGC participam investigadores dos grupos de investigação de Dinâmica de actina, Modelação de redes, Regulação do ciclo celular, e Telómeros e estabilidade genómica.

O Portugal 2020 é um programa que reúne cinco Fundos Europeus Estruturais e de Investimento (FEDER), com o objetivo de alinhar as grandes orientações estratégicas nacionais e europeias para o desenvolvimento económico, social e territorial do país.

Identificados biomarcadores precoces no cancro do esófago

Uma equipa de investigação do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), liderada por José Pereira Leal, identificou duas moléculas como potenciais marcadores para prever o desenvolvimento do cancro do esófago. O estudo foi publicado na revista científica PLoS One e contou com a colaboração de investigadores do Instituto Português de Oncologia (IPO) de Lisboa e da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior.

Um dos principais fatores de risco para o adenocarcinoma do esófago é a lesão pré-maligna chamada “esófago de Barret”. Estima-se que o risco de progressão desta lesão para uma forma maligna seja baixo, no entanto, uma vez alcançado o estadió de adenocarcinoma, a taxa de mortalidade deste cancro é bastante elevada. Atualmente, a forma de identificar pacientes com esófago de Barret em risco de desenvolver uma neoplasia baseia-se em biópsias, um método invasivo e dispendioso que pode ter associados alguns erros de amostragem.

A pensar no desenvolvimento de melhores métodos que permitam prever a progressão da doença numa fase inicial, a equipa do IGC procurou identificar biomarcadores precoces, preditivos da progressão maligna do esófago de Barret. Para tal, os investigadores utilizaram uma abordagem bioinformática inovadora para avaliar a expressão de genes nos casos que progridem para o adenocarcinoma do esófago, seguida de uma análise a biópsias de pacientes que se encontravam sob vigilância há mais de 10 anos pelo IPO de Lisboa. Comparando amostras de pacientes com esófago de Barret que progridem para o carcinoma com amostras de pacientes que não progridem, os investigadores descobriram que há um aumento na expressão dos genes *CYR61* e *TAZ*, sendo esse aumento visível um a dez anos antes do desenvolvimento do carcinoma. Estas alterações são observáveis ao nível das proteínas produzidas por esses genes, abrindo assim a possibilidade de poderem vir a ser usadas como biomarcadores para a progressão desta doença. Uma delas, a *CYR61*, é um marcador circulante e que abre a possibilidade de ser feita uma simples análise de sangue ou urina, prevenindo-se assim múltiplas biópsias, baixando custos e desconforto. Este estudo foi financiado pelo programa Harvard Medical School – Portugal.

Programa de doutoramento para PALOP e Timor-Leste

As candidaturas para o Programa de Pós-Graduação Ciência para o Desenvolvimento estão abertas até **19 de outubro**. Esta edição atribuirá 13 bolsas de doutoramento a alunos dos países africanos de língua portuguesa ou de Timor-Leste.

O programa prevê uma primeira fase com oito meses de aulas lecionadas por especialistas mundiais, em Cabo Verde. A segunda fase destina-se ao desenvolvimento de projetos de investigação, em centros de excelência em Portugal. No final deste período os alunos terão de regressar aos países de origem.

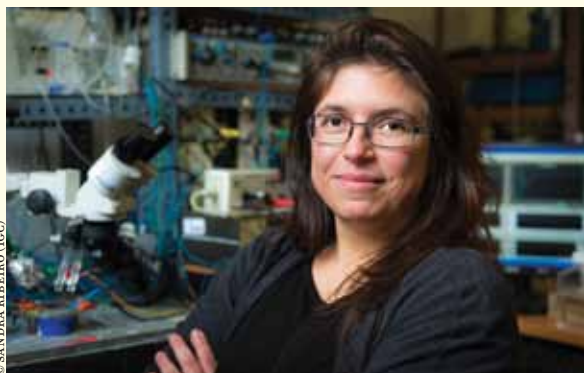
Este programa de doutoramento é organizado pelo Instituto Gulbenkian de Ciência, com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Informações: igc.pt/pgcd

Rosalina Fonseca recebe bolsa para jovens investigadores

Rosalina Fonseca, investigadora principal do laboratório de Neurobiologia Celular e de Sistemas no IGC, foi premiada com uma **NARSAD Young Investigator Grant**, atribuída pela Brain & Behavior Research Foundation dos EUA. Com um valor até 70 mil dólares durante dois anos, as NARSAD Young Investigator Grants permitem apoiar “os mais promissores jovens investigadores que conduzem investigação na área da neurobiologia”.

O projeto financiado pretende estudar a dinâmica das memórias formadas num contexto de stress agudo intenso. A dinâmica normal das memórias é afetada em indivíduos que experienciaram eventos traumáticos e que desenvolvem stress pós-traumático, levando a que as memórias traumáticas sejam vividas recorrentemente. Utilizando uma abordagem integrativa que combina fisiologia celular com experiências comportamentais, a equipa de Rosalina Fonseca, em colaboração com o Grupo de Gal Richter-Levin da universidade israelita de Haifa, vai testar os circuitos neuronais envolvidos na resposta a situações de stress e investigar de que forma o desenvolvimento de stress pós-traumático leva a uma alteração



© SANDRA RIBEIRO (IGC)

na plasticidade do circuito associado à expressão deste comportamento.

Ao integrar o grupo restrito de investigadores financiados com estas bolsas “altamente competitivas e prestigiantes”, Rosalina Fonseca revela que o apoio lhe vai permitir “explorar como é que as memórias são formadas, mantidas e atualizadas, abrindo possibilidades a novas ferramentas terapêuticas que diminuam o impacto do stress pós-traumático na vida dos pacientes”.

“Sem Azeredo Perdigão, é difícil imaginar quanto Portugal teria perdido”

Entre figuras de Estado, funcionários e antigos funcionários da Fundação, amigos e familiares de José de Azeredo Perdigão, foram muitos os que se reuniram no dia 19 de setembro para homenagear o homem a quem é devida a criação em Portugal da Fundação Calouste Gulbenkian, que dirigiu com independência durante quase 40 anos.

“Na vida mais vale rebentar do que enferrujar”, terá dito com o humor que lhe era característico José de Azeredo Perdigão quando, a pedido da sua mulher Madalena Perdigão, Ramalho Eanes tentou convencê-lo a abrandar o ritmo, por se encontrar numa idade avançada. José de Azeredo Perdigão (1896-1993) permaneceria como presidente do Conselho de Administração da Fundação até morrer. Nunca enferrujou.

Vários episódios sobre o homem que teve “duas vidas” – primeiro, como brilhante jurista e causídico; depois, como presidente da Fundação que construiu e consolidou durante 37 anos – foram narrados nas intervenções de Artur Santos Silva, António Ramalho Eanes, Adriano Moreira, Rui Machete, José Blanco e Pedro Paulo Perdigão, que se sucederam ao longo da homenagem a José de Azeredo Perdigão, quando se completavam 120 anos sobre o seu nascimento.

“Foi um contemporâneo do seu tempo que conseguiu antecipar o futuro que o país tantas vezes adiou, tendo com isso honrado a confiança que Calouste Gulbenkian nele depositou. Portugal, e os portugueses em especial, devem-lhe um reconhecimento pela contribuição fundamental e continuada que a Fundação Calouste Gulbenkian devotou ao fortalecimento das nossas capacidades individuais e coletivas nos diferentes domínios de intervenção da Fundação – Arte, Ciência, Educação e Beneficência”, sublinhou Artur Santos Silva.

BUSTO, DA AUTORIA DE CLARA MENÉRES © MÁRCIA LESSA





O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN E O MINISTRO DA CULTURA, ANTES DO INÍCIO DO CONCERTO DE HOMENAGEM © MÁRCIA LESSA

“Sem Azeredo Perdigão, é possível que a Fundação Calouste Gulbenkian nunca tivesse nascido. É difícil imaginar quanto Portugal teria perdido”, disse por sua vez Cavaco Silva, num depoimento em vídeo especialmente gravado para a ocasião. O ex-Presidente da República, que foi bolseiro Gulbenkian, sublinhou no seu testemunho a aposta de Azeredo Perdigão na Educação. Também em depoimento gravado, Jorge Sampaio destacou, por outro lado, o modo como Azeredo Perdigão sempre defendeu a independência da atuação da Fundação.

“Democrata e republicano”, “humanista independente e corajoso” e “visionário”, foram alguns dos traços mais distintivos de Azeredo Perdigão lembrados pelos intervenientes na sessão de homenagem, onde também foi evocada a sua segunda mulher, Madalena Perdigão.

Azeredo Perdigão acreditava que “o poder da palavra podia vencer a palavra do poder”, como recordou Adriano Moreira, e “tinha todas as qualidades para se afirmar como um notável homem de Estado, não fora o regime ditatorial em que vivíamos, em que não acreditava, e a que se opunha”, sublinhou Artur Santos Silva.

Numa nota mais pessoal, Pedro Paulo Perdigão falou em nome da família, que depois assistiu ao descerrar de um novo busto de Azeredo Perdigão, pela mão do seu filho, José Dantas Perdigão. Da autoria de Clara Menéres, a escultura permanecerá no Edifício da Coleção Moderna (outrora designado por CAM), junto às palavras de Azeredo Perdigão: “A arte [e o senhor Gulbenkian sabia-o muito bem] não é um produto estável da criação do homem; pelo contrário, a história ensina-nos que a arte é uma atividade em constante evolução ou transformação e nisso está um dos motivos do seu grande interesse.”

Rapsódia na Rua



© JOÃO FRADE / EGEAC



© JOÃO FRADE / EGEAC

Cerca de dez mil pessoas assistiram ao concerto da Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo maestro Jean-Marc Burfin, na Praça do Comércio, no dia 3 de setembro. Integrado na programação do Lisboa na Rua, organizado pela EGEAC, o concerto apresentou a famosa obra de George Gershwin *Rhapsody in Blue*, interpretada pelo pianista Mário Laginha. As obras *Danças Polovtziannas*, da ópera *Príncipe Igor*, de Alexander Borodin, e a *Suite n.º 1 de Peer Gynt*, do compositor Edvard Grieg completaram o programa do concerto.

Uma só voz



© AGÊNCIA VISÍVEL



© AGÊNCIA VISÍVEL

Antes dos Jogos Olímpicos, a cidade do Rio de Janeiro assistiu a uma série de performances, em várias ruas e parques da cidade, que juntaram centenas de pessoas sem-abrigo. O projeto **Uma só voz** inspirou-se no que foi realizado há quatro anos para os Olímpicos de Londres pela Streetwise Opera, apoiada pelo UK Branch – a delegação da Fundação Gulbenkian no Reino Unido. Desta vez, apoiada pelo UK Branch e pelo British Council Brasil, a iniciativa encheu as ruas cariocas de sons e vozes em várias línguas, um exemplo de como a arte pode ser o motor para a inclusão social das pessoas mais desfavorecidas.

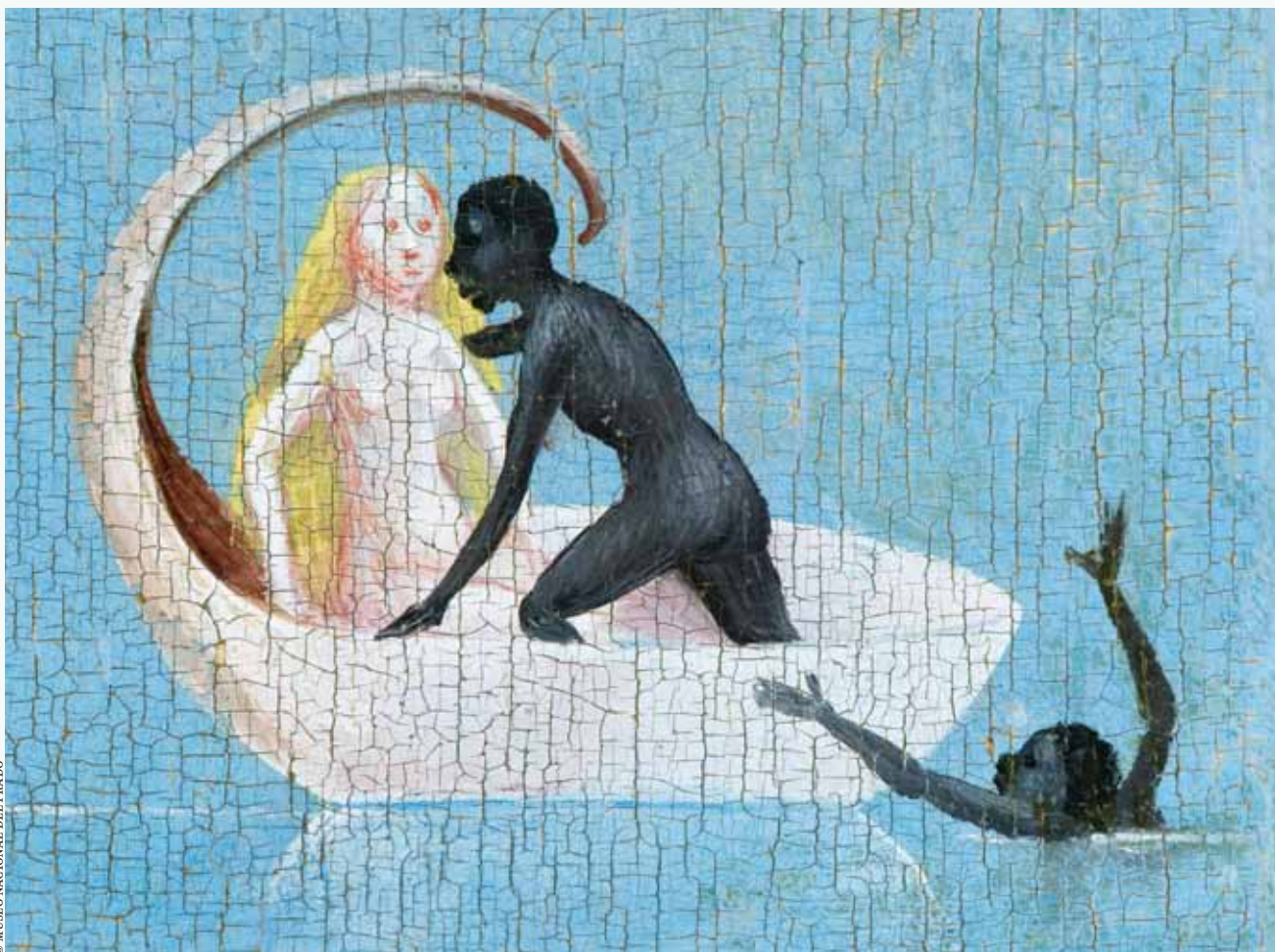
A estreia de *Bosch Beach*

Uma nova ópera de Vasco Mendonça, coproduzida pela Fundação Gulbenkian e pelo Teatro Maria Matos, será apresentada em Lisboa, nos dias 20 e 21 deste mês. Estreada mundialmente no mês passado em Bruges, na Bélgica, Bosch Beach é uma intensa alegoria do mundo de hoje à luz do fascinante universo do pintor flamengo Hieronimus Bosch. Cinco séculos depois da sua morte, um trio de criadores, Vasco Mendonça, Dimitri Verhulst e Kris Verdonck, partiu em busca de um falso paraíso onde se esconde, hoje, o inferno na terra, traduzindo-o numa ópera. Não foi difícil de encontrar.

Dois homens e uma mulher tomam banhos de sol e de mar na maravilhosa praia de Lampedusa. São pessoas normais, a gozar férias, que se seduzem, enviam postais com clichés e bebem *cocktails* até de madrugada. A ressaca dá origem uma breve crise existencial que curam, no dia seguinte, com mais *cocktails*.

Este é o aparentemente prosaico pano de fundo de *Bosch Beach*, uma ópera baseada na obra *Os 7 Pecados Mortais* de Hieronimus Bosch, produzida pela LOD muziektheater, de Ghent, para comemorar os 500 anos da morte desse artista. Não se trata, no entanto, de uma praia qualquer. Enquanto os veraneantes tomam banhos de sol, centenas de refugiados dão à costa perante a indiferença geral. Composta por Vasco Mendonça, a partir de um libretto do escritor e poeta Dimitri Verhulst e com encenação de Kris Verdonck, *Bosch Beach* joga com a ambiguidade deste cenário e com a questão da culpa, convocando o nosso grau de responsabilidade nesta catástrofe. O confronto com a vaga de refugiados em Lampedusa (assim como em Calais, Kos, Macedónia, entre outros locais) produz, de acordo com os criadores, um apelo moral que não se prende apenas com a ajuda que se nega ou a mão que não se estende. Não somos nós, ocidentais, também responsáveis pela pobreza e pelas guerras noutros continentes? De que modo nos devemos sentir responsáveis individualmente? O que devemos fazer?

A estas questões somam-se outras que fazem a ponte com a pintura de Bosch: com o que se parece, hoje em dia, o inferno na terra? Onde está o falso paraíso onde ele se dissimula? Tomar banhos de sol e de mar, falar de trivialidades, fechando os olhos ao cenário de horror mesmo ao lado, parece, de facto, aproximar-se dessa ideia. Em *Bosch Beach*, o falso paraíso de um *resort* e o inferno na terra "à maneira" de Bosch fundem-se de um modo perfeito.



“Uma segunda idade das trevas”

Vasco Mendonça, que aqui dá mais um passo na sua afirmação internacional depois do sucesso obtido com a ópera *House Taken over*, encenada por Katie Mitchell e apresentada na Gulbenkian Música em 2014, sublinha a singularidade de Bosch. Numa época em que a pintura era dirigida a uma população iletrada e tinha como função constituir um “guia visual” para estabelecer um “código moral”, Mendonça considera surpreendente a retórica de Bosch, bem como as figuras que pinta, verdadeiras “coreografias do horror” que classifica de absolutamente únicas. “Num período em que predominava o realismo”, afirma, “o pintor não tem medo de distorcer a realidade, enveredando por uma espécie de expressionismo selvagem, aliás, bastante atual, visto à luz do nosso século.”

Da mesma forma que a sociedade medieval estava organizada em função do culto da divindade e receio da punição, o compositor diz existir hoje uma entidade semelhante, que dá pelo nome enigmático de “mercados”. “Ninguém percebe muito bem este sistema, mas alguém está algures a dirigi-lo.” Dá como exemplo a Grécia, onde pessoas idosas morrem de frio porque o défice tem de baixar. “Esta primazia do défice sobre a vida humana não é uma questão só económica, longe disso, é uma escolha política, um *ethos*”, conclui o compositor, para quem “estes sinais sugerem que entrámos numa espécie de segunda idade das trevas”.

“Uma terrível forma de humor”

O artista plástico e encenador belga Kris Verdonck, que faz a sua primeira incursão no mundo da ópera, confessa, a propósito do universo boschiano, “hermético e povoado por objetos e criaturas estranhas”, não estar interessado na representação do céu e do inferno, mas no mundo intermédio, “entre a realidade e a imaginação”. Verdonck afirma que a ópera é um bom meio para traduzir este estado “entre mundos” próprio do ambiente criado por Bosch nas suas pinturas. Admitindo não conseguir imaginar o mundo em que o pintor viveu nem a violência que o rodeou, com “pragas, fome, violência, genocídio”, considera, no entanto, que o desprezo que esse mundo sentia pelos mendigos, pobres, aleijados, escravos e refugiados, não deixa de remeter para o mundo atual.

Outro aspeto que o encenador destaca na obra de Bosch é que as suas personagens, ao contrário do esperado, não parecem sofrer: “Estão a ser cozinhados num caldeirão, mas sorriem.” Se as questões da moralidade, da culpa e do pecado são temas que percorrem a pintura de Bosch, o encenador sublinha o modo como ele também ri destes temas, sem dúvida “uma terrível forma de humor”.



BOSCH BEACH

BOSCH BEACH

Teatro Maria Matos, 20 e 21 de outubro, 21h30

Orquestra Gulbenkian
Etienne Siebens *Maestro*
Marion Tassou *Soprano*
Rodrigo Ferreira *Contratenor*
Damien Pass *Barítono*

Ópera de **Vasco Mendonça**, libreto de **Dimitri Verhust** e encenação de **Kris Verdonck**. Produção: LOD muziektheater; Coprodução: Jheronimus Bosch 500 Foundation, Fundação Calouste Gulbenkian, Teatro Maria Matos, ASKO Schönberg, Concertgebouw Brugge, A Two Dogs Company, Theater Mousonturm Frankfurt, Vlaams Fonds voor de Letteren

Concertos do mês



MARTHA ARGERICH © ADRIANO HEITMAN

Uma das obras maiores do repertório coral-sinfônico, a Missa em Si menor de Johann Sebastian Bach, será tocada este mês pelo Coro e Orquestra Gulbenkian, dirigidos por Michel Corboz, com os cantores Sophie Bevan, Helena Rasker, Tilman Lichdi, Johannes Weisser e o organista Marcelo Giannini (dias 5 e 6). De destacar ainda os regressos da pianista argentina Martha Argerich, para um muito aguardado recital com o Cuarteto Quiroga (dia 7), da violinista Alina Ibragimova, para um concerto com a Orquestra Gulbenkian e o maestro Fabien Gabel (dias 13 e 14), e também do agrupamento Il Pomo d'Oro com o violoncelista Edgar Moreau, dirigidos por Maxim Emelyanychev (dia 26).

No âmbito do ciclo Músicas do Mundo, o violinista L. Subramaniam traz um programa de Música Clássica do Sul da Índia (dia 18). O violoncelista brasileiro Antonio Meneses dará também um concerto com a Orquestra Gulbenkian, dirigida por Lawrence Foster, que será apresentado em São Paulo numa digressão a realizar entre os dias 6 e 10 de novembro.

Programa completo em gulbenkian.pt/musica

ALINA IBRAGIMOVA © EVA VERMANDEL



Orquestra Gulbenkian em digressão no Mediterrâneo



A BORDO © ANTÓNIO L. GONÇALVES

O navio *Queen Elisabeth* foi palco de uma digressão inédita da Orquestra Gulbenkian, por mar, realizada no mês passado.

A iniciativa, promovida por um dos mais respeitados centros europeus de ensino musical, a Queen Elisabeth Music Chapel juntou intérpretes de renome e jovens solistas em residência – cantores, pianistas, violinistas e violoncelistas, que se apresentaram em recitais ou atuaram a solo com uma orquestra convidada. Ao longo da semana de duração do cruzeiro, realizaram-se também ensaios, encontros e *masterclasses* abertos a todos os viajantes.

Este ano a Queen Elisabeth Musical Voyage partiu de Lisboa, no dia 9 de setembro, após um concerto no Grande Auditório da Fundação dirigido pelo maestro Hervé Niquet, inteiramente dedicado a Mendelssohn. A seguir a esta atuação, a Orquestra Gulbenkian integrou o cruzeiro, tocando três vezes a bordo e duas em terra, respetivamente em Sevilha (Patio de la Montería del Real Alcázar) e na ilha de Minorca (Teatre Principal de Maó). Alguns dos mestres do corpo docente da Queen Elisabeth Music Chapel como Maria João Pires, José van Dam, Augustin Dumay, Miguel da Silva e Gary Hoffman atuaram durante o cruzeiro, assim como alguns solistas convidados, entre os quais o pianista Piotr Anderszewski ou a soprano Anne-Catherine Gillet.

Maria João Pires juntou-se à Orquestra Gulbenkian dirigida pelo maestro Christopher Warren-Green, para tocar o concerto para piano n.º 4, em Sol maior, de Beethoven.

A Queen Elisabeth Music Chapel foi criada na Bélgica, em 1939, com o objetivo de apoiar jovens talentos através de um centro musical de excelência. Atualmente dispõe de seis mestres em residência e vários professores permanentes ou convidados que trabalham com cerca de seis dezenas de jovens talentos vindos de todo o mundo. A Queen Elisabeth Music Chapel é um dos parceiros da ENOA, uma rede de cooperação europeia no domínio da ópera, do ensino da música e da formação, que a Fundação Gulbenkian também integra.

Trienal de Arquitetura na Fundação

Este ano, a Fundação Calouste Gulbenkian associa-se à Trienal de Arquitetura de Lisboa, acolhendo dois dos seus principais núcleos programáticos: uma exposição (a partir de 7 outubro) e um painel de conferências (17 novembro).

A exposição programada pela Trienal e realizada na Fundação (outras duas mostras serão apresentadas no Centro Cultural de Belém e no novo MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia) intitula-se *Building Site (Obra)* e reflete sobre as transformações e desafios dos estaleiros de obra contemporâneos. Um dos casos de estudo é apresentado em cocuradoria com o Canadian Centre for Architecture e parte do arquivo profissional do arquiteto britânico Cedric Price.

Building Site (Obra) foca um relatório produzido na década de 1970 que visava a melhoria das condições de trabalho nos estaleiros e que permitiu consolidar um olhar original sobre as formas de organização da indústria da construção. Apresenta também, em parceria com a Cité de l'architecture et du patrimoine, uma reflexão sobre a estrutura empresarial do engenheiro francês do século XIX François Hennebique.

A mostra tem curadoria de André Tavares, com a colaboração de Giovanna Borasi, Hugo Palmarola, Ivo Poças Martins, Jorge Carvalho, Pedro Alonso e Simon Vaillant. Paralelamente a estas exposições haverá uma série de conferências (Talk Talk Talk), em novembro, reunindo arquitetos, engenheiros, académicos e atores destacados do panorama internacional da arquitetura. Estas conversas vão aprofundar a reflexão sobre os temas abordados nas exposições, procurando, no caso da conferência realizada na Fundação, entender em que medida a organização dos estaleiros de obra pode afetar a própria arquitetura. Participam nos debates André Tavares, Pedro Fiori Arantes, Eike Roswag-Klinge, Matthew Fineout, Giovanna Borasi, Émilien Robin, Adrian Forty, Rui Furtado e Bárbara Rangel.

THE
FORM
OF
FORM

BUILDING SITE (OBRA)

Curadoria: André Tavares

Edifício Sede / Piso Inferior
7 outubro a 11 dezembro

Conferência – Talk talk talk

Edifício Sede / Auditório 2
17 novembro

A Forma Chã



PAULO VARELA GOMES E JOÃO VIEIRA CALDAS, ARQUIVO DE SLIDES, PORTUGAL, 1989-1990

Em mês de Trienal, o Museu Calouste Gulbenkian apresenta, a partir de 7 de outubro, *A Forma Chã* que evoca o impacto da história da arte no campo das práticas artísticas e arquitetônicas.

O ponto de partida da exposição é a obra de George Kubler *A Forma do Tempo* (1962), que propõe uma nova filosofia da história da arte, e também a obra *Arquitetura Portuguesa Chã: Entre as Especiarias e os Diamantes* (1972), que estabeleceu um paradigma de arquitetura chã que se tornou numa tradição aceite pelas práticas arquitetônicas contemporâneas em Portugal.

Com curadoria de Eliana Sousa Santos, arquiteta e investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, a exposição apresenta quatro instalações que abordam a relação entre as artes chãs ao longo do tempo e do espaço, o lugar da aula/conferência na produção artística e a influência da história nas produções artísticas e arquitetônicas dos últimos 50 anos. Em torno desta exposição realiza-se um ciclo de conferências alusivo ao tema, que terá início a 23 de novembro com uma palestra sobre *Ambiguidades Arquitetônicas*, por Eeva-Liisa Pelkonen.

A FORMA CHÃ

Curadoria: Eliana Sousa Santos

Museu Calouste Gulbenkian — Coleção do Fundador/Galeria do Piso Inferior
7 outubro a 9 janeiro 2017

Fundação parceira do Doclisboa

A Fundação Gulbenkian vai também colaborar pela primeira vez com o Doclisboa – International Film Festival, acolhendo um ciclo de filmes na Sala Polivalente do Edifício da Coleção Moderna.

No âmbito desta colaboração é apresentada a obra concebida pela cineasta italiana Luciana Fina intitulada *Terceiro Andar*, um vídeo-instalação que incide sobre a experiência da imigração de uma família muçulmana vinda da Guiné-Bissau. Há mais de 20 anos radicada em Portugal, Luciana Fina reflete sobre a comunidade de migrantes, partindo de um diálogo entre duas mulheres, mãe e filha, no espaço da casa, questionando igualmente a memória e a tradução.

TERCEIRO ANDAR Luciana Fina

*Museu Calouste Gulbenkian - Coleção Moderna
Sala de Exposições Temporárias*
21 outubro a 23 janeiro

CICLO DE CINEMA – PASSAGENS

*Museu Calouste Gulbenkian - Coleção Moderna
Sala Polivalente*
21 a 30 outubro

Programa em doclisboa.org



TERCEIRO ANDAR © LUCIANA FINA



TERCEIRO ANDAR © LUCIANA FINA

LUANDA, LOS ANGELES, LISBOA



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © CARLOS AZEVEDO

Retrospectiva dedicada a António Ole, um dos mais proeminentes artistas angolanos, abrangendo 50 anos de uma carreira notável que cruza pintura, escultura, desenho, colagem e instalação. Uma das apostas fortes da exposição é a filmografia do artista, uma produção pouco conhecida iniciada no período pós-1974 e que se prolongou nas décadas de 1980 e 1990, sendo retomada em 2006. Com um percurso artístico fortemente marcado pelo sentido de viagem e de errância, intrinsecamente ligado a três cidades, Luanda, Los Angeles e Lisboa, António Ole nunca se desligou de uma consciência social, dando testemunho de realidades, muitas vezes incómodas, como as desigualdades sociais, a escravatura ou a emigração forçada.

Nascido em Luanda em 1951, onde vive e trabalha, António Ole formou-se em Cinema no American Film Institute de Los Angeles (1975) e em Cultura Afro-Americana na Universidade da Califórnia – Center for Advance Film Studies (1981-1985). Participou na 55.^a Bienal de Veneza, em 2013, e na seguinte, em 2015. Recebeu diversos prémios em Angola, Portugal e Cuba. A sua obra encontra-se presente em inúmeras coleções públicas em Portugal, Angola, África do Sul, Estados Unidos da América, Alemanha e Cuba.



ANTÓNIO OLE © MÁRCIA LESSA

LUANDA, LOS ANGELES, LISBOA ANTÓNIO OLE

Curadoria: Isabel Carlos e Rita Fabiana

Museu Calouste Gulbenkian - Coleção Moderna
Até 9 janeiro 2017

EU NÃO EVOLUO, VIAJO



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © CARLOS AZEVEDO

Último mês para visitar a exposição retrospectiva dedicada ao pintor José Escada (Lisboa, 1934-1980) que reúne mais de 170 obras realizadas entre 1955 e 1980, algumas inéditas, a larga maioria proveniente de coleções privadas.

Dividida em cinco núcleos, a exposição percorre todas as fases da sua obra: em **Joie de Vivre** revisita-se a génese do seu trabalho; **Iluminações** apresenta um conjunto de trabalhos produzidos entre 1963 e 1965; **Metamorfoses** mostra, sobretudo, relevos tridimensionais e colagens; o núcleo seguinte, **As nossas amarras**, coincide com uma produção centrada na representação do corpo masculino; finalmente, no último núcleo, **Da minha janela**, o artista fecha-se num universo íntimo e autobiográfico.

EU NÃO EVOLUO, VIAJO **JOSÉ ESCADA RETROSPECTIVA**

Curadoria: Rita Fabiana

Museu Calouste Gulbenkian
Coleção Moderna
Até 31 outubro



SEM TÍTULO (Á JANELA), 1978

LINHAS DO TEMPO

Na Galeria Principal da Sede da Fundação prossegue a mostra comemorativa dos 60 anos da Fundação que assinala a recente integração da Coleção do Fundador e da Coleção Moderna. Com entrada livre, a exposição promove um diálogo entre as duas coleções, reunindo um conjunto de obras, produzido ao longo de 120 anos, muitas delas raramente expostas. As ligações entre Calouste Gulbenkian e os artistas do seu tempo, também representados na Coleção Moderna, são assinaladas principalmente pelas artes decorativas, revelando associações por vezes surpreendentes.



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © CARLOS AZEVEDO

LINHAS DO TEMPO AS COLEÇÕES GULBENKIAN CAMINHOS CONTEMPORÂNEOS

Curadoria: Penelope Curtis, João Carvalho Dias, Patrícia Rosas Prior

Edifício Sede - Galeria Principal
Até 2 janeiro 2017

PORTUGAL EM FLAGRANTE – OPERAÇÃO 1

Esta exposição oferece uma introdução à história de Portugal do século XX, através de obras de arte e de documentos que integram as coleções Gulbenkian. São mostradas obras em papel – livros, fotografias, gravuras e desenhos – relacionando as mudanças políticas e culturais com a produção artística. Em novembro realiza-se a segunda parte desta exposição (Operação 2), focada essencialmente nas obras de pintura da coleção.

PORTUGAL EM FLAGRANTE **OPERAÇÃO 1**

Curadoria: Penelope Curtis, Ana Barata, Ana Vasconcelos, Leonor Nazaré e Patrícia Rosas Prior

Museu Calouste Gulbenkian - Coleção Moderna



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © CARLOS AZEVEDO

Atividades educativas

Dia D

9 de outubro

“Ligações” é o mote para o dia em que se podem espreitar as tendências que marcam a nova temporada do Descobrir – Programa Gulbenkian para a Educação, Cultura e Ciência. Com a abertura e a curiosidade própria dos exploradores, o Dia D desafia a questionar as categorias de grande e pequeno, próximo e longe, central e secundário, familiar e desconhecido, presente e passado, entre outras, descobrindo múltiplas ligações entre tempos, geografias e culturas diferentes. Descobertas que sabem melhor quando partilhadas com a família e os amigos.

Programa

10H30 ÀS 13H30; 14H30 ÀS 17H30 – JARDIM

TEMPO VEGETAL

O que muda e o que permanece na vida de um jardim? Assinalam-se as etapas do crescimento e renovação do Jardim, imprimindo a marca de diferentes elementos naturais em ladrilhos de barro fresco.

Leonor Pêgo e Vanda Vilela

Oficina – Construção de um herbário coletivo

+4 anos; circulação livre

10H30 ÀS 13H; 14H ÀS 16H30 – JARDIM

1969-2016: O TEMPO NO JARDIM, A PRETO E BRANCO

Olhando para o passado através de fotografias do tempo em que o jardim foi construído, explora-se a influência do tempo e da memória na criação de imagens, utilizando métodos fotográficos artesanais para construir novas representações da mesma paisagem.

Imagerie – Casa das Imagens

Oficina de fotografia

+8 anos; circulação livre

10H30 ÀS 13H30; 14H30 ÀS 17H30 – JARDIM

O JARDIM EM REVISTA

Consegues imaginar-te a desenhar a capa da revista que comemora os 60 anos da Fundação Calouste Gulbenkian? A partir de fotografias de arquivo, é preciso imaginar soluções para anunciar o futuro a partir de reflexos do passado.

Ketta Linhares e Cláudia Mestre

Oficina de colagem

+10 anos; circulação livre

10H30 ÀS 13H; 14H ÀS 16H30 – SEDE

RETRATÓMATOS: ENTRE A PALAVRA E O TRAÇO

O que acontece quando me descrevo? Seria possível fazer o meu retrato só a partir do que digo sobre mim mesmo? Pode desenhar-se fielmente aquilo que se ouve? Será que me reconheço no resultado final?

Marc Parchow, Mário Linhares, Miguel Horta, Paulo Galindro, Ricardo Mendes e Rita Cortez Pinto

Máquinas de retratos gráficos

+8 anos; circulação livre



11H ÀS 13H; 15H ÀS 17H - JARDIM

MICROGLOBO – O TEATRO MAIS PEQUENO DO MUNDO

Faz lembrar as Bibliotecas Itinerantes, mas é uma caravana chamada “Penélope” que está estacionada à porta da Biblioteca de Arte. Lá dentro não há livros. Há atores, músicos e escritores que vestem a pele de personagens secundários para nos narrar clássicos de Shakespeare a partir do seu ponto de vista. Direção artística/coordenação: Graeme Pulleyn
Intérpretes/criadores: Ana Bento, Graeme Pulleyn, Patrick Murys, Rafaela Santos, Sónia Barbosa
Acontecimento teatral
+3 anos; circulação livre

11H ÀS 13H; 15H ÀS 17H – SEDE

MORFOGÉNESE MUSICAL

Baseada num modelo matemático, esta instalação convida a uma viagem sensorial que explora a interação dinâmica entre genes e proteínas durante a formação das pétalas de uma flor. Ao som de uma banda sonora “genética”, podem-se ativar ou inativar genes em diferentes alturas e verificar se a sua intervenção afeta ou não o desenvolvimento das pétalas da erva estrelada (nome científico: *Arabidopsis thaliana*).
Descobrir, Vitruvius Fablab (ISCTE-IUL) e Instituto Gulbenkian de Ciência
Instalação sonora
+10 anos; circulação livre

11H; 12H; 14H; 15H - JARDIM

CURTAS DE CIÊNCIA

Falando para miúdos e graúdos, um grupo de jovens cientistas vai desafiar-nos a conhecer alguns dos mistérios da ciência e da vida. Deixe-se surpreender com estas histórias em que o rigor científico reforça a magia.
Bárbara Teixeira, Bernardo Peixoto, Carolina Figueira e Marta Santos
Histórias para despertar a consciência
+6 anos; entrada livre, requer levantamento de bilhete

11H; 15H – MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN – COLEÇÃO DO FUNDADOR

O MEU CORAÇÃO É ÁRABE

Uma viagem entre tapetes, cerâmicas, estórias e cantos, onde os ritmos e a poesia islâmica se cruzam com a portugalidade. À volta de um tapete, junta-se o grupo para escutar melodias, partilhar estórias e deixar-se levar num momento musical de contemplação da exposição, de canções e paisagens sonoras.
Tânia Cardoso, Rodrigo Crespo, Baltazar Molina e Sofia Portugal
Concerto por Canto Ondo
+8 anos; entrada livre, requer levantamento de bilhete



14H; 17H — SEDE

A MONTANHA

Recuperando o tom dos contos clássicos e intemporais, esta história simples é contada com ilustração e som ao vivo. Subir uma montanha não é tarefa fácil, mas ultrapassar os vários obstáculos, conhecer os seres que se atravessam pelo caminho e conseguir chegar ao fim é seguramente emocionante.

António Jorge Gonçalves e Ana Brandão

Espectáculo

+3 anos; 2 €

12H — ANFITEATRO AO AR LIVRE

MANDA VOLTAR

Inspirando-se no cancionero popular português, o concerto dos Macadame explora o cruzamento da eletrónica com instrumentos tradicionais, revisita canções que antes eram conhecidas de toda a gente e propõe composições originais. Apostando na pesquisa e na inovação, esta banda de Coimbra propõe a redescoberta da música popular portuguesa.

Macadame

Concerto para todas as idades; 2 €

18H — ANFITEATRO AO AR LIVRE

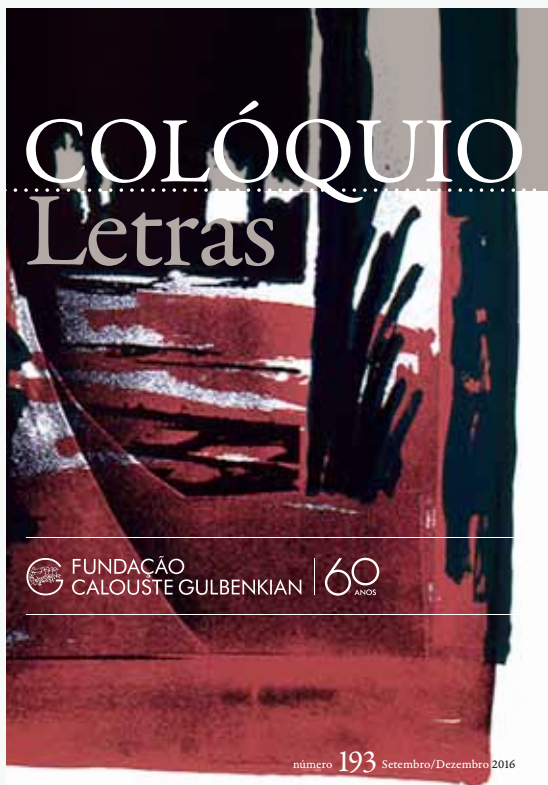
GERAJAZZ

Nascido a partir de uma parceria entre a Orquestra Geração | Sistema Portugal e a Escola de Jazz do Hot Clube, o GeraJazz cruza a tradição popular afro-americana com novas sonoridades que contagiam alunos, professores e o público em geral. Sob a direção de Eduardo Lála, a GeraJazz tem no seu repertório importantes temas do cenário do jazz mundial, incluindo arranjos inéditos feitos especialmente para o grupo.

GeraJazz e convidados especiais

Concerto para todas as idades; 2 €

Novo número da *Colóquio-Letras*



Dedicado ao experimentalismo português, o mais recente número da revista *Colóquio-Letras*, ilustrado por Sérgio Pombo, presta homenagem a Ana Hatherly, figura ímpar deste movimento que, na década de 1960, conferiu ao ato poético valores artísticos, políticos e sociológicos assentes numa rutura de vanguarda.

Álvaro Seiça e Rui Torres introduzem o tema e apresentam o Arquivo Digital da Poesia Experimental (*po-ex.net*) desde os anos 1960 até à atualidade, enquanto Manuel Portela revela as estratégias de recodificação digital a partir da escrita, imagem e código em textos visuais de Ana Hatherly, E. M. de Melo e Castro e José-Alberto Marques.

Sandra Guerreiro Dias aborda a relação genealógica entre a Poesia Experimental Portuguesa e a Arte da Performance Portuguesa no século XX, considerando, em particular, a obra de poetas e *performers* como Ana Hatherly, E. M. de Melo e Castro, Salette Tavares, António Barros e Fernando Aguiar.

A revista inclui ainda um ensaio de Catherine Dumas sobre o conceito de “forma aberta” segundo Salette Tavares, e outro de Maria do Carmo Castelo Branco Sequeira sobre a ideia de leitura tal como foi equacionada por Ana Hatherly e Alberto Pimenta. Ana Marques Gastão parte do estudo sobre as cores de Goethe para mostrar o modo como Ana Hatherly entende as cores ligadas a uma perceção transcendente da realidade, funcionando no poema visual ou no desenho como assinatura criptografada, quase ilegível, oculta e hermética. Finalmente, Cláudio Alexandre de Barros Teixeira detém-se nos elementos da escrita oriental incorporados por Ana Hatherly no seu trabalho poético.

Este número inclui também ensaios de Beatriz Peralta García sobre Bocage, de Teresa Carvalho sobre Vasco Graça Moura, de Humberto Brito sobre Fernando Pessoa, e ainda um trabalho de José Eduardo Reis dedicado a Jorge Luis Borges. Por último, Maria de Lourdes Soares parte da correspondência inédita de Eduardo Lourenço para falar da censura a que o escritor foi sujeito durante o Estado Novo.

Por ocasião dos 120 anos do nascimento de José Azeredo Perdigão (1896-1993), publica-se, neste número, um suplemento dedicado ao primeiro presidente da Fundação Calouste Gulbenkian.

Eduardo Lourenço

Obras Completas

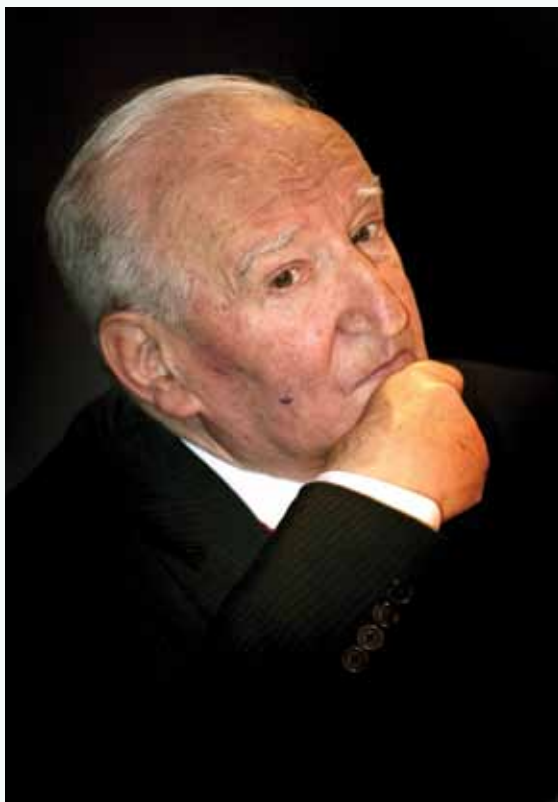
Tempo e Poesia III

O terceiro volume das Obras Completas de Eduardo Lourenço, uma coleção editada pela Fundação Gulbenkian, foi recentemente lançado no âmbito da série Cultura Portuguesa. O título geral deste volume, *Tempo e Poesia*, remete para o livro que o ensaísta publicou em 1974 (Editorial Inova, Col. Civilização Portuguesa, Porto), considerado pelo coordenador desta coleção, Carlos Mendes de Sousa, “a mais importante obra sobre poesia alguma vez editada em Portugal”. Esta obra de referência surge integralmente reproduzida na primeira parte deste volume, mantendo os seus dois capítulos, um dedicado à poesia mítica, e outro, intitulado “A Imagem no tapete”, composto por ensaios sobre o modernismo português e sobre poetas como Miguel Torga, Eugénio de Andrade, Vitorino Nemésio e António Ramos Rosa, entre outros temas.

As restantes partes deste terceiro volume das Obras Completas de Lourenço reúnem textos inéditos ou dispersos em jornais, revistas, prefácios ou incluídos em volumes coletivos, sobre alguns dos mais relevantes poetas e movimentos poéticos nacionais. A edição conjunta destes textos mostra, de acordo com o coordenador, “filões muito interessantes do ponto de vista dos eixos de coerência no ensaísmo de Eduardo Lourenço”, podendo-se encontrar “recorrências”, “prolongamentos” ou “retomas”, “desenvolvimentos” ou “comentários”.

Num primeiro painel, intitulado **Da Poesia**, reúnem-se textos de reflexão sobre poesia ou sobre o poético em sentido lato; no segundo, com o nome **Dos Poetas**, agrupam-se as leituras sobre poéticas individualizadas; numa terceira secção, a que se chamou **Sentido e Forma da Moderna Poesia Portuguesa**, arrumam-se textos mais abrangentes, sobre vários contextos ou períodos.

Para além de uma extensa introdução da autoria de Carlos Mendes de Sousa, intitulada “Eduardo Lourenço, habitante da aventura poética”, este volume inclui ainda duas cartas escritas a Adolfo Casais Monteiro, informação sobre as datas e o contexto de publicação dos vários textos, bem como um índice remissivo.



© RODRIGO CÉSAR

Ambientes

Por Márcia Lessa





